problemas e opiniões

Esta é uma coluna de debates
Não nós responsabiliza-mos pelas opiniões doutrinárias aqui emitidas.

as esquerdas em questão (I)

simon schwartzman

Quando da derrota do trabalhismo nas últimas eleições britânicas, mais ou menos na mesma época da ascensão do degaulismo na França, escrevia um comentarista que a missão gloriosa das esquerdas era levantar as teses que seriam gradativamente realizadas pelos outros partidos, ao passo que elas próprias eram fadadas a contínuas derrotas eleitorais.

As eleições presidenciais brasileiras parecem confirmar esta observação, quando o candidato apoiado pelos partidos considerados esquerdistas foi derrotado por larga margem de votos, enquanto o candidato vitorioso, com fins eleitorais ou não, se esforçava por assumir as posições políticas normalmente consideradas de esquerda.

Êste fato, e sua repetição nos planos locais e internacionais, conduzem as organizações de esquerda, ou antes, seus membros, a uma situação curiosa, em que suas te[illegible] mais caras se voltam contra êles me[illegible]. O sufrágio universal, defendido pelas esquerdas onde ainda não existe plenamente, redunda em sua derrota, e chegamos inclusive ao espetáculo paradoxal de os defensores do desenvolvimento torcerem para que o sistema eleitoral do coronelato subsistisse, a fim de que desse vitória a seu candidato. E quando as últimas eleições representam, antes de qualquer outra coisa, o desmoronamento de um mecanismo de manipulação eleitoral dos setores operários e rurais, os grandes derrotados são justamente aquêles que mais deveriam se valer destas transformações, sem dúvida mais do que propícias à evolução política e social de grandes áreas populacionais.

A consequência lógica para os «esquerdistas», à qual alguns não se furtaram de chegar, é que o povo é incapaz de escolher conscientemente seus destinos, que é fàcilmente enganado por lances demagógicos. Caberia então à esquerda renunciar aos embates eleitorais, e tentar assumir diretamente o poder, por processos violentos, êsse poder que é manipulado por enganadores do povo. E a isso se acresce o argumento de que as eleições, no sistema capitalista, são uma farsa na qual a maioria do povo, analfabeto, não pode votar, em que o dinheiro e a publicidade comandam a formação da opinião pública, etc., etc.

Ora, o primeiro argumento, da incapacidade popular, e o seu corolário, que são as teorias de «elites» e do voto qualitativo, é o argumento característico das concepções mais anti-populares, mais reacionárias, enquanto que o segundo teria sentido se realmente as camadas analfabetas exigissem o direito de voto que lhes é negado. Mas não se pode contrapôr a uma democracia limitada, mas ativa, de 15 milhões de eleitores, uma democracia ampla de 50 milhões tomada abstratamente, em nome da qual um grupo reclama o poder, sem qualquer delegação. Assim como uns apelam para o direito da Cultura, da Educação, ou para o Direito Divino, os «esquerdistas» apelam para o Povo, o Proletariado, ou, simplesmente, para... A Verdade do Processo. No fundo, no plano filosófico alienações várias, no plano político uma linha antidemocrática e golpista.

Sem dúvida, alguma coisa está errada. Ou a esquerda não se diferencia qualitativamente da direita, ou a esquerda só o é de nome. Populista por definição, a esquerda que se vê rechassada pelo povo não pode, por suas próprias concepções, apelar para uma razão externa a êste povo que faz a história e a razão desta história. E quando as medidas que preconiza são encampadas e efetivadas pelas outras correntes políticas, resta-lhe o consôlo de que de alguma maneira tem razão, uma razão que o tempo demonstra, embora o povo não a aceite. O que conduz novamente à tese da incapacidade popular...

AS ORGANIZAÇÕES DE ESQUERDA

De uma forma geral, nos dias de hoje, pode-se entender por organização de esquerda aquela que age politicamente visando à transformação da sociedade em benefício das classes trabalhadoras, dotada de uma interpretação da realidade enquanto processo, o que serve de fundamento à sua ideologia, seu programa e suas palavras de ordem.

As organizações de esquerda, ainda que de fato não o realizem, têm como pretensão e como única justificativa de sua existência representarem a vanguarda efetiva das classes trabalhadoras que, não tendo nenhum compromisso com as estruturas sociais que as mantêm em estado de inferioridade política e econômica, analisam a sociedade em suas contradições estruturais efetivas, interessadas vivamente nas decorrências lógicas que o processo possa ter. Assim, sua primeira característica é o aspecto *científico* de sua ação, ao menos enquanto há possibilidade. Diferenciam-se das organizações de centro, que são interessadas na perpetuação do «statu quo» em sua estrutura atual, e assim não podem considerar a sociedade com o processo que realmente possui; e das de direita, grupos minoritários marginalizados que procuram impor por processos irracionalistas, violentos e míticos, soluções personalistas ou de grupo revestidas ou não de ideologias (no sentido pejorativo do têrmo), na prática encobrindo o esfôrço de consolidação política de grupos reacionários restritos.

As organizações de esquerda não seriam apenas conhecedoras da verdade política, mas esta própria verdade enquanto praxes, ação real e efetiva. Neste sentido, elas teriam automàticamente apôio das classes que representam, que são as grandes classes populacionais, e sua derrota eleitoral só significará que não houve realmente consulta aos interêsses populares, mas antes uma farsa de qualquer espécie.

Mas na prática o sistema eleitoral, dentro de certas limitações, é índice seguro das opiniões predominantes, e a derrota eleitoral das esquerdas tem significado o repúdio do povo a seus programas, suas palavras de ordem e suas pretensões. Evidentemente ou a ideologia é certa, mas por demais complexa para ser compreendida pelo povo — sendo necessária sua imposição por uma elite —, ou é errada, e não há um processo político passivel de apreensão científica válida — e então ganha quer fôr mais hábil no momento —, ou a concepção geral é certa, e as organizações de esquerda, com suas linhas, é que não o são tanto.

problemas e opiniões

Esta é uma coluna de debates. Não nos responsabilizamos pelas opiniões doutrinárias aqui emitidas.

as esquerdas em questão (2)

simon schwartzman

a verdade da esquerda

A aplicação que muitas teses da esquerda encontram, feitas pelos partidos que a repudiam e a superam eleitoralmente, ou seja, medidas de socialização, intervenção estatal em setores mais ou menos amplos da economia privada, criação do ensino público, etc., confirmam as análises que conduziram à preconização destas medidas, como de certo fundamento sólido.

Existe hoje, e a partir de Marx, uma análise do sistema capitalista que em suas linhas gerais tem se mostrado válido, e subsistido em situações mais diversas. A pauperização relativa crescente das classes trabalhadoras, por exemplo, são um fato, se compararmos as gigantescas concentrações de capital nos dias de hoje. Teoria da mais-valia; irracionalidade do sistema liberal, que impõe mesmo nos países conservadores medidas de intervenção, desde a política anticíclica até formas socialistas e semi-socialistas; o desperdício a que se vê forçado o capitalismo para subsistir, com a indústria armamentista, consumo forçado, etc.; o aspecto anti-humano de exploração que não é superado pelos técnicos em RH, subsistindo os Estados Unidos como o grande centro de entorpecimento moral e loucura. (Cf. Erich Fromm, Psicoanálise da Sociedade Contemporânea). Ao passo disso, o aspecto atual do capitalismo colonizador, mantendo populações à míngua, evitando a formação de poupança interna nos países que alcança, etc.

Estas, apanhadas ao acaso, algumas das teses, marxistas ou não, que consideram o capitalismo como dotado de contradições cujas soluções se impõem. São algumas destas verdades que os diversos governantes assumem, independentemente das ideologias que possam ter, e buscam solucionar, conforme as pressões populares vão exigindo. E sua solução, mesmo parcial, é possível aos partidos ditos reacionários ou conservadores, porque hoje não mais subsiste o estado-classe em sua forma pura. O estado burguês hoje é um misto de conservação e concessão, uma acomodação de pressões em choque, o que, se não significa ter deixado de existir a luta política de classes, torna pueril tentativa de enquadrar tôdas as medidas esquerdizantes por êle tomadas como puramente demagógicas, mistificadoras e necessàriamente fadadas ao fracasso.

A esquerda organizada, manipulando um esquema abstrato válido em seus delineamentos gerais, trabalha por moldar as situações políticas específicas a êste esquema. Os demais partidos, livres de raciocínios abstratos, atuam pragmàticamente levando soluções aos problemas que vão se sucedendo, fazendo os compromissos que podem, e adquirem o apoio do povo que, desinteressado de raciocínios, apóia os que oferecem soluções imediatas às necessidades prementes. Afirma-se, por exemplo, que a previdência social é um sistema de mistificação e engôdo, mas o trabalhador recebe de fato alguma ajuda: e ainda que saibamos ser o assistencialismo uma solução precária, de acomodação, o eleitor não ligado a quadros partidários votará sempre com os que lhe deram a previdência, e nunca com os que lhe apresentem o smais belos e bem feitos raciocínios e demonstrações lógicas.

No caso brasileiro, o fenômeno foi característico: ingênuo seria quem pensasse (e não foram poucos que o fizeram) que o eleitorado aceitaria os raciocínios sôbre o aumento de renda per capita, atual fase da revolução, nacionalismo, burguesia progressista, entreguismo, etc., etc. Mais eficazes, eleitoralmente, foram os que atacaram os problemas imediatos, denunciavam a corrupção evidente que a «esquerda», por motivos táticos, não podia reconhecer, e prometiam redução dos gastos e melhoria do custo de vida. A qualquer observador ficou patente o total desconhecimento (voluntário ou não), pela oposição vitoriosa, dos problemas de estrutura da economia brasileira, em contraste com a profusão de ideólogos no setor do candidato situacionista; o que não impediu a vitória dos primeiros, e não impedirá também que o futuro govêrno, se pretender realizar as medidas a que se propôs (e êste pode ser o preço da sobrevivência política) terá que executar muitas daquelas medidas preconizadas pelos partidários do candidato derrotado, ou ir ainda mais além.

A posse da verdade leva à derrota política, o empirismo pragmatista leva à vitória. Ao raciocínio abstrato prevalece o imediatismo; o conhecimento superior, dotado de uma razão que enxerga o futuro, é políticamente incapaz. Parece ser esta a tese paradoxal a que se chega.

em busca da razão concreta

Na verdade — e esta é a tese que pretendemos evidenciar — as organizações de esquerda, ao menos em nosso caso particular, perderam as características que pudessem justificar esta denominação.

Consideramos que existe efetivamente a verdade de uma época histórica, que encontra sua expressão mais alta nas concepções ideológicas das classes vinculadas ao processo. Consideramos mais, que a sociedade capitalista, ao passo que realiza a alienação do indivíduo em sua forma mais alta, que é a alienação à abstração suprema do dinheiro, ao passo que realiza o despojamento total do indivíduo, de seus quadros valorativos, afetivos, místicos, etc., permite a compreensão das situações como totalidades humanas, isto é, como passíveis de domínio total pelo homem. E a utilização desta concepção de forma retrospectiva permite apreender as sociedades antigas também como totalidades humanas, com suas impossibilidades, suas hipostasiações e alienações.

A sociedade capitalista contemporânea, entretanto, não se reduz a uma forma simples. Ainda que seus traços mais gerais se repitam, cada situação é específica, cada problema é único, cada momento é individualizado em relação ao todo que é apreendido em relação a êle. Isto quer dizer que existe uma configuração determinada da sociedade capitalista enquanto processo, uma razão da sociedade capitalista que se manifesta nos diversos momentos históricos, os quais só fazem sentido em relação a esta razão, dando-lhe, por sua vez, o conteúdo concreto. Em um palavra, a contradição entre o racional abstrato e o pragmático empírico se resolve no universal concreto, em que o momento ganha racionalidade, e a razão cobra existência.

Isto tudo — que não é senão o ideal do esfôrço humano para se tornar senhor da história —, significa que, dentro de cada situação problemática, dentro de cada conflito, deve-se buscar a solução que seja ao mesmo tempo particular e universal, e sua existência há de ser possível, pois que a razão não se pode opôr aos interêsses daqueles que a portam: as classes despojadas e detentoras do processo, que a cada momento visam à sua solução.

As organizações de esquerda, para serem realmente tais, devem partir dos problemas efetivamente vividos pelos trabalhadores, valendo-se da totalidade de conhecimentos que o avanço da cultura permite, e enquadrá-los na totalidade concreta e histórica do esfôrço humano de libertação. Ser da esquerda, desta forma, não consiste apenas em se declarar tal, mas sê-lo efetivamente. A organização de esquerda precisa ser suficientemente descompromissada para não temer as conseqüências de suas análises, para não refutar nenhuma idéia que possa ser válida, venha de onde vier e sob que rótulo fôr; e precisa ser livre para não aceitar raciocínios estereotipados, argumentos de autoridade e verdades de conveniência. Em suma, a esquerda, para ser esquerda, antes de tudo precisa ser continuamente jovem e revolucionária, inclusive ante suas próprias idéias.

A unidade das esquerdas não será jamais, senão em curtos e privilegiados momentos históricos, uma unidade unívoca e não contraditória. Seus momentos não raro serão antagônicos, a esquerda terá seu processo interno, e a possibilidade de unidade, a tese de que a futura sociedade será uma sociedade sem interêsses opostos, só pode decorrer de cada condição específica, do particular para o geral. A ser válida a tese que a supressão da propriedade privada leva a comunidade de interêsses dos homens, então cada um, perseguindo seus próprios objetivos, trabalhará para os objetivos comuns. Se assim não fôr, as contradições continuarão e exigirão novas soluções, como os problemas de burocracia, tecnocracia, etc., já parecem indicar. Isto significa, entre outras coisas, e para sermos explícitos, que por exemplo, a idéia de que o socialismo brasileiro virá graças ao prestígio internacional da URSS, e o verdadeiro socialista, ou marxista, deve fazer eco à «grande pátria do socialismo», pode ser tudo, menos uma concepção de esquerda.

dos fins aos meios

A verdadeira atitude de esquerda partirá das reivindicações e necessidades mais profundas das classes trabalhadoras, e em nenhum momento poderá antepôr-se a elas. Isto quer dizer que a política de esquerda é por definição aberta, anti-sectária, franca, sem possibilidades de golpes, manobras ou concessões, maquiavelismos de qualquer espécie. Não há oposição de meios e fins, e a validade dos últimos, sua moralidade, só será atingida pela moralidade nos primeiros.

Na verdade, perguntar se os fins justificam os meios, se à esquerda é lícito o uso de qualquer método para a consecução de seus fins, é já em si mesmo uma atitude de direita. Pois o objetivo final, se não é estranho ao homem, ou opôsto a êle, é feitô da totalidade dos momentos e dos homens, e enganá-los significa impôr-lhes um destino que não aceitam, que os aliena. E mesmo que as medidas que se preconizem possam ser as que melhor convenham, tècnicamente, ao homem, sua aplicação de forma externa será sempre tolhedora da liberdade humana, supressora do processo humano de assunção da história, e como tal, reacionária.

Não quer dizer que o homem só possa se governar a curto prazo, quer qualquer raciocínio a longo prazo, contrariando interêsses imediatos, seja imoral e ditatorial. Os homens, quando necessário, realizam tarefas grandiosas, e são capazes dos maiores sacrifícios. Mas é necessário que êste esfôrço não lhes seja impôsto, mas que decorra de suas próprias vontades, da grande responsabilidade que o homem do povo assume quando percebe que é êle, com suas próprias mãos, o construtor da história.

* * *

Longe está a esquerda brasileira de suas características que seriam necessárias, já descritas por Marx no Manifesto de 1848: «os comunistas não formam um partido à parte, opôsto aos outros partidos operários. Não têm interêsses que os separem do proletariado em geral. Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretenderiam moldar o movimento operário». E mais adiante: «As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam de modo algum em idéias ou princípios inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do mundo. São apenas a expressão geral das condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob nossos olhos».

Resta comparar uma coisa com outra. Do ponto de vista organizacional, ou não há organização, ou nossas «esquerdas» se constituem em grupos isolados e sectários, numa luta constante na qual o próprio povo não tem o mínimo interêsse. Do ponto de vista ideológico, oscila desde a submissão a raciocínios e táticas importadas até ao pragmatismo das «contradições principais», passando pelas teorias do cinto apertado e pelas posições de escamoteamento de corrupção governamental e apoio a interêsses partidários restritos e anti-operários. Não há organização política dos trabalhadores, não há consciência e condução consciente do processo político. Nada que se assemelhe aos comunistas de que falava Marx, figura hoje desconhecida, principalmente pelos que hoje monopolizam e inutilizam politicamente esta denominação.

Urge voltar às fontes, voltar aos problemas e às exigências concretas, regressar à realidade humana e partir dela. E se considerarmos marxismo muito disto que por aí anda, falta fazer o que quer Sartre: um pouco de anarquismo no marxismo.